

NO CONGRESSO

O preferido do governo será escolhido pelo PMDB para presidir a Casa. Depois de muitas idas e vindas, a negociação para Renan desistir surtiram efeito

Sarney a um passo de comandar o Senado *Federal*

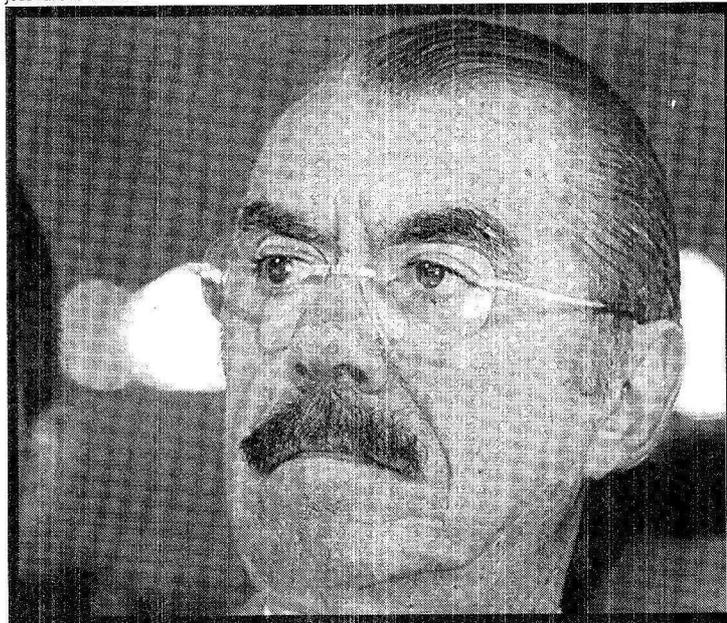
Rudolfo Lago

Da equipe do **Correio**

Para o senador José Sarney, é uma prancha de surfe. Já para o presidente do PMDB, deputado Michel Temer (SP), o líder do partido no Senado, Renan Calheiros (AL), e o senador Pedro Simon, uma tábua de salvação. A solução permitirá a Sarney surfar em um acordo no qual Renan e Temer terão de se agarrar com todas as forças. O acordo foi construído na manhã de ontem. Depois de saber, como antecipou ontem o **Correio**, que Renan acertara com os futuros líderes do PT e do governo no Senado, Tião Viana (AC) e Aloizio Mercadante (SP), substituí-lo na presidência do PMDB já a partir de fevereiro, Temer chamou Sarney para uma conversa pela manhã e propôs o acordo.

"Eu não posso ser o único derrotado nessa história toda", reclamou Temer. "Precisamos construir uma saída digna para todos. Para todos. Sem exceção". E propôs, então, o acordo. Renan sai da disputa pela presidência do Senado. Deixa o cargo para Sarney. Em troca, vira o presidente do PMDB. Mas não agora, como acertou com os líderes petistas. O senador alagoano respeitaria o mandato de Temer, que só termina em setembro. Até lá, o deputado paulista permaneceria no cargo. Renan aguardaria na liderança do PMDB no Senado, que já ocupa. Em setembro, quando fosse para o comando do partido, o senador Pedro Simon (RS) o substituiria na liderança. Temer sairia de cena. Mas levando a

José Varella 27.6.02



SARNEY: CONVERSAS COM QUÉRCIA E REQUIÃO PARA FECHAR ACORDO

imagem de ter sido o construtor da reunificação do PMDB.

O acordo prevê ainda saídas honrosas para outros personagens peemedebistas. O deputado

Eunício Oliveira (CE), cunhado do ex-deputado Paes de Andrade, aliado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ocuparia a liderança do partido na Câmara. O atual líder, Geddel Vieira Lima, passaria a ser o primeiro vice-presidente da Câmara. E Temer retiraria, ainda, o pedido de intervenção federal do diretório do PMDB de São Paulo, presidido por seu arquiinimigo, o ex-governador Orestes Quércia. Sarney aceitou na hora a proposta de Temer. Na verdade, nada tem a perder. Só o que queria era presi-

dir o Senado. E conseguiu.

Hoje, Sarney sairá em busca de apagar arestas. O senador embarca pela manhã para São Paulo, onde conversa com Orestes Quércia. Em seguida, pode ir a Curitiba se reunir com o governador Roberto Requião. Cogita-se a hipótese de o próprio Lula também telefonar para Requião. Esses dois líderes do grupo de Sarney reagiram ao acordo. Preferiam uma solução mais radical, que aniquilasse de vez do cenário peemedebista os nomes da atual cúpula partidária. Sarney mostrará que essa radicalização não atende aos desejos do governo. Lula reforçará isso com Requião: precisa do PMDB unido.

Restará o "de acordo" de Renan e Pedro Simon. Pelo que foi negociado, os dois ficam *pendurados*. A saída proposta para ambos só vai se concretizar em setembro, com o fim do mandato de Temer na presidência do PMDB. "Quem garante que lá em setembro o governo não diga que prefere o Paes de Andrade?", comenta Renan com seus aliados. Ele lembra que o PT e o governo já quebraram o acordo pelo qual diziam que não iam interferir na escolha do PMDB para presidir o Senado. Por isso, ele não confia que, outra vez, o acordo seja quebrado. É o mesmo problema de Simon: teria de esperar até setembro pela liderança. O senador gaúcho avisa que disputará o cargo com Renan agora em fevereiro. Nas conversas com seu grupo de políticos, Sarney diz ter certeza de que, depois do esperneio inicial, ambos acabarão aceitando o acordo. Por falta de alternativa.